



MEMÓRIAS DO COTIDIANO ESCOLAR: ENCONTROS E DESENCONTOS ENTRE NEGROS E ALEMÃES EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, SC

Cintia Tuler Silva¹
Clarícia Otto²

Este trabalho é integrante da pesquisa que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob o título “Negros em São Pedro de Alcântara (SC): os processos educativos e a formação da identidade de afrodescendentes na segunda metade do século XX”.

Por meio dessa pesquisa objetiva-se analisar como os processos educacionais, desenvolvidos em São Pedro de Alcântara, contribuíram para a construção da identidade étnico-cultural de afrodescendentes, haja vista São Pedro de Alcântara ter sido a primeira colônia alemã de Santa Catarina, fundada em 1829, e ter a predominância de seus descendentes até a atualidade. Especificamente, neste trabalho, procura-se apresentar fragmentos das primeiras aproximações com o objeto da pesquisa. Ou seja, as primeiras reflexões nesse processo de identificação a respeito da constituição de identidades étnicas, ou melhor, da identidade de afrodescendentes em meio aos descendentes de alemães.

A identidade étnica “é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que interagem ou não”.³ Dessa forma, objetiva-se problematizar a organização social no atual município visando a identificar as distinções entre um “nós” e um “eles” e/ou “outros”, na perspectiva da abordagem feita por Norbert Elias e John Scotson.⁴ Todavia, esses autores não discutem a questão da etnia, mas a obra dos respectivos autores, “os estabelecidos e os *outsiders*”, contribui sobremaneira para entender as relações de poder estabelecidas entre grupos, o estranhamento entre as pessoas já estabelecidas numa localidade e as vindas de fora – a instituição e distinção entre o “nós” e os “outros”.

1 Negros numa colônia alemã

¹ Graduada em História e Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC.

² Doutora em História, professora do Departamento de Metodologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

³ BARTH, Fredrik. 1969 Apud POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 11).

⁴ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.



São Pedro de Alcântara, atual município da Grande Florianópolis, foi a primeira colônia alemã de Santa Catarina, fundada em 1828. Em 1844 foi elevado à categoria de freguesia, mais tarde passou a distrito e somente em 1997 foi elevado a município.

Uma parcela da historiografia catarinense evidencia a importância da contribuição dos imigrantes europeus, principalmente alemães, para o desenvolvimento econômico do estado catarinense. No entanto, há que se ampliar, ainda mais, a parcela da historiografia que salienta também a importância das etnias não tão somente européias no desenvolvimento desse Estado.

Mesmo após o ato que oficializou a abolição da escravatura (13 de maio de 1888), muitos negros permaneceram na região de São Pedro de Alcântara, principalmente em localidades como a Vila Abissínia, formando diversos quilombos entre outras formas de vida comunitária.

Muito embora o Estado catarinense tivesse a presença de negros e de etnias diversas, de acordo com Leite, os discursos veiculados pela propaganda imigratória construíram a idéia de um vazio sócio-cultural, o qual deveria ser preenchido pela vinda de imigrantes, preferencialmente alemães. Como aborda a autora, “o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de um certo olhar que nega a sua existência (de negros) como forma de bani-lo totalmente da sociedade. Ou seja, não que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente”.⁵

Essa questão e tantas outras em relação ao destaque dado às etnias européias imigrantes acabaram criando um conjunto de características, tais como: apreço ao trabalho e portadores de civilização. Nesse sentido, pretende-se entender se esse imaginário se faz presente em São Pedro de Alcântara, se há estigmas, símbolos identitários específicos, marcos de fixação de fronteiras e/ou a construção da diversidade étnica.

Para tanto, busca-se, na sequência deste trabalho, apresentar alguns elementos da cultura material do referido município e que estão se constituindo em aspectos centrais para se pensar nas relações entre os diferentes grupos étnicos.

2 A devoção ao escravo Marcos Manoel Vieira

Em São Pedro de Alcântara, no bairro Santa Teresa, anualmente, mais precisamente, na segunda quinzena de maio, ocorre a Festa da Paz e da Fraternidade. No referido bairro há o “Santuário Bom Jesus da Santa Cruz” e nele, logo na entrada, avista-se uma grande estátua – a

⁵ LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina. In: *Negro no Sul do Brasil*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 41



imagem do então escravo, Marcos Manoel Vieira, conhecido por Tio Marcos. Muitas placas agradecendo graças alcançadas estão ao redor dessa imagem.

Conta-se que Tio Marcos, em decorrência dos maus tratos, fugiu e se refugiou até a “abolição da escravatura”, no Morro do Quilombo, localizado no bairro Santa Teresa. Refugiado na mata, teria feito uma promessa: se sobrevivesse, construiria uma cruz e a carregaria, nas costas, até a comunidade de Santa Teresa. Muitos anos depois de ele ter cumprido a promessa, no local da cruz, se construiu uma capelinha de madeira, e, mais tarde ainda, de alvenaria. Com o aumento da população da comunidade de Santa Teresa “a cruz de Tio Marcos” foi levada para outro local do bairro – conhecido pelo nome de Vira Copos, onde está até hoje.

Depois do falecimento de Marcos Manuel Viera, em 30 de maio de 1952, Frei Ático Eyng, pároco da localidade, o qual conheceu Tio Marcos em seus últimos anos de vida, resolveu pesquisar acerca de sua trajetória. Além disso, no início 1980, Frei Ático deu início a construção do Santuário Bom Jesus da Santa Cruz, em sua homenagem. O Santuário foi inaugurado em 1988, no centenário da abolição da escravatura no Brasil. Os restos mortais do Tio Marcos foram transferidos do cemitério paroquial para esse santuário. Na década de 1990, Frei Ático faleceu e então foi sepultado no interior do Santuário Bom Jesus da Santa Cruz.

Essa, entre outras narrativas está no imaginário de afrodescendentes e de outros moradores de São Pedro de Alcântara.

3. As narrativas tomadas como documento

Pela metodologia do uso de fontes orais é possível apreender fragmentos das memórias em torno das questões relativas à identidade de afrodescendentes em São Pedro de Alcântara. Na direção de Pollak,

os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional.⁶

A memória tomada como documento permite visualizar determinadas táticas utilizadas pelos negros em seu cotidiano, as quais possibilitaram a sua sobrevivência naquele universo cultural. Ao tratar sobre a metodologia do uso de fontes orais e da postura necessária ao pesquisador, nesse

⁶ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Revista de estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 4.



específico, Portelli salienta que a “história oral leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade”.⁷

Nessa direção, de compreender-se igual e ao mesmo tempo diferente do entrevistado, se procura ouvir as pessoas, captar os significados que elas atribuem às suas vivências naquela localidade. O relato das experiências do cotidiano sinaliza para as relações interétnicas. Segundo Dias, “a hermenêutica do cotidiano pressupõe formas de apreensão da experiência de vida em sociedade que só tornam viáveis com a desconstrução de dualidades”.⁸ Assim, as vivências diárias, o repetitivo e o corriqueiro passam a ser compreendidos como fenômenos passíveis de serem estudados.

3 Primeiras impressões nas visitas de campo

A impressão que se tem ao visitar, pela primeira vez, o município de São Pedro de Alcântara é a de estar chegando numa localidade alemã, ou, pelo menos que faz apologia a essa etnia. Os postes estão pintados com as cores preta, vermelha e amarela, em forma de listras, numa alusão à bandeira alemã.

Afora as impressões gerais, neste item, são apresentas tão somente algumas impressões da primeira visita a duas escolas do município. Durante essa visita, foram entrevistados cinco estudantes afrodescendentes. A primeira escola visitada foi a Escola de Educação Básica Gama Rosa, pertencente à rede estadual de ensino, localizada no centro. Essa escola funciona nos três turnos e atende alunos do primeiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio.

Nessa escola, após explicar o objetivo da visita e entregar uma carta de apresentação à assistente técnico-pedagógica, teve-se uma primeira informação, por parte dessa e de outra funcionária que se encontrava no local, de a escola não ter alunos negros. No entanto, ao continuar a conversa, demonstrando dúvidas, informaram que havia três alunos negros.

O primeiro estudante a ser entrevistado afirmou não se considerar nem negro, nem branco e sim, mestiço. Segundo ele, seu pai é alemão e a mãe é negra. Interessante observar que compreende e fala em língua alemã. Disse ter aprendido com o pai.

Nesse aspecto, há que se ressaltar a existência de um convênio entre a prefeitura e a rede estadual estabelecendo que as crianças dos anos iniciais estudem a língua alemã. Sobre a história e a

⁷ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, n. 15. São Paulo, PUC, 1997, p.18

⁸ DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, Vol. 17, novembro de 1998. p.. 236-38.



cultura afrodescendentes o estudante entrevistado diz ter estudado “um pouco em História sobre escravidão e essas coisas” e de ter feito um trabalho sobre países de população negra. Informou ter visto a estátua do Tio Marcos, no entanto, não sabe nada a respeito do porquê dessa imagem, diz que na escola nunca foi ensinado a respeito e que também ele nunca teve curiosidade. Além disso, informou não ter amigos negros, o que para ele é natural, haja vista “São Pedro de Alcântara ser a primeira colônia alemã de Santa Catarina”.

A afirmação desse estudante remete às discussões de King e College. Segundo esses autores, o conhecimento centrado culturalmente inclui ‘o pensamento, a percepção, e as estruturas de crenças’ que, ao tornar ‘certas formas de conhecimento de si mesmo e do mundo possíveis’, funcionam a favor da integração de uma estrutura social existente ou a favor de uma estrutura alternativa imaginada. A escola, o conhecimento acadêmico e as formas de conhecimento centrado na cultura européia (ou na mais disseminada) contribuem para manter coesa a estrutura social existente. Alunos de pós-graduação experimentam, internalizam ou resistem a essas formas de conhecimento e consciência no curso de sua formação. Ao venerar a ‘brancura conceitual’, a estrutura social existente denigre a negritude e, necessariamente, suprime a consciência histórica e a memória cultural negras.⁹

A segunda escola visitada, Escola Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, localiza-se no bairro Santa Teresa, próxima ao Santuário Bom Jesus da Santa Cruz. A supervisora escolar mostrou todas as salas para que se pudesse ver os alunos. No período da manhã estudam as turmas da educação infantil e dos anos iniciais; no período da tarde estudam os alunos da quinta a oitava séries. Segundo a supervisora, nem todos esses estudantes declaram ser negros.

Dois línguas estrangeiras, inglês e alemão, compõem a grade curricular desde a educação infantil até a oitava série. A exaltação a origem germânica pode ser percebida em todos os espaços. O *slogan* que comemora os 120 anos de imigração (2009) está em toda a parte, por exemplo, no uniforme dos alunos e dos professores e nos veículos que transportam os estudantes.

Muito embora a Lei 10.639/03¹⁰ que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira tenha completado sete anos, em muitas escolas, a Lei ainda não foi implementada. A breve incursão por duas escolas do município de São Pedro de Alcântara permite inferir que, assim como em muitos livros didáticos, a história dos afrodescendentes ainda é centrada no binômio escravidão/trabalho.

Nessa direção, Veiga e Rodrigues afirmam que,

na maioria das pesquisas, as relações de trabalho subentendem ou supõem a etnia, tomando as etnias européias e asiáticas pelos imigrantes, os negros pela escravidão e os indígenas pelas ações missionárias de aldeamentos

⁹ KING, Joyce E; COLLEGE, Medgar Evers. Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves E. *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 79.

¹⁰ A Lei federal 10.639/03 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".



orientados para novas formas de organização de trabalho. Enfim, de maneira geral, as relações de trabalho se apresentam como referência para a problematização da etnia na historiografia da educação.¹¹

São muitas as definições e indevidas apropriações em torno de conceitos que precisam ser compreendidos em seus respectivos contextos. Ao se tentar homogeneizar, as especificidades e o diferente desaparecem. O que permanece são características gerais, as quais buscam fundamentar o etnocentrismo, atitude que considera determinado grupo étnico como principal e superior a qualquer outro.

Pode-se dizer que a educação cria cultura, a qual,

deve ser entendida como toda atividade ou produto da atividade exercida por um povo, bem como a herança coletiva de uma sociedade, conjunto de objetos materiais que asseguram ao grupo a sua vida cotidiana e das suas instituições, as suas representações coletivas e concepções de mundo, de moral, suas artes.¹²

As relações estabelecidas dentro e fora do ambiente escolar influenciam no processo de construção de identidades e na representação que as pessoas têm delas mesmas, tanto os afrodescendentes quanto os descendentes de alemães. Afinal, as trajetórias sociais e educacionais das diversas etnias são afetadas pelas condições materiais de ingresso e pelas oportunidades efetivamente oferecidas a uns e outros. Nesse sentido, é importante perceber como se estabeleceram as relações e a participação de diferentes grupos étnicos na construção das propostas curriculares das escolas.

A relação entre educação e diversidade étnico-cultural vem sendo, cada vez mais, ampliada e discutida nos últimos anos. A obra “História da educação do negro e outras histórias”¹³, publicada pela Unesco, apresenta novos dados para o debate sobre a invisibilidade da população negra no sistema educacional.

Desse modo, é mister problematizar de forma mais acurada a compreensão em torno da categoria etnicidade para identificar quais estratégias são utilizadas no cotidiano escolar em São Pedro de Alcântara. Assim, objetiva-se verificar a possível existência de práticas que procuram afirmar e distinguir um “nós” de um “outro” na história da educação do referido município.

Finalizando, vale ressaltar, ainda se precisa, nesta pesquisa, redimensionar o olhar a fim de identificar um conjunto de estratégias e de táticas utilizados pelos diferentes grupos étnicos. Essas permitirão uma análise mais profícua a respeito de inclusões e exclusões, ou seja, de encontros e desencontros entre afrodescendentes e descendentes de alemães em São Pedro de Alcântara.

¹¹ VEIGA, Cynthia Greive; RODRIGUES, Maysa Gomes. Etnicidade e História da Educação. In: MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Écio Antônio; ARRUDA, Maria Aparecida (orgs.). *História da educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

¹² MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986, p. 81.

¹³ ROMÃO, Jeruse (org.). *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília: MEC/SEC, 2005.



Referências Bibliográficas

- DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, vol. 17, nov. de 1998.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREITAS, Patrícia. *A margem da palavra, silêncio do mundo. O negro na historiografia de Santa Catarina*. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina.
- KING, Joyce E; COLLEGE, Medgar Evers. Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves E. *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina. In: *Negro no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- VEIGA, Cynthia Greive; RODRIGUES, Maysa Gomes. Etnicidade e História da Educação. In: MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Écio Antônio; ARRUDA, Maria Aparecida (orgs.). *História da educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- PHILIPPI, Aderbal João. *São Pedro de Alcântara: A primeira colônia alemã em Santa Catarina*. Florianópolis: Edição do autor, 1995
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Revista de estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, n. 15. São Paulo, PUC, 1997.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.
- ROMÃO, Jeruse (org.). *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília: MEC/SEC, 2005.